

# CEDI

## Povos Indígenas no Brasil

Fonte: *Diário do Povo*

Class.: 60

Data: 23.07.82

Pg.:

### *Microfone em punho, o índio Maxsuara vende seus remédios*

Guaraná roxo para combater fraquezas, contusas, enxaquecas, escurecimento de vista e quedas de pressão; pau-d'arco para a eliminação de vermes; batata de taiú para amenizar as consequências de qualquer tipo de inflamação; mamica de cadela para ativar a circulação sanguínea; ou ainda, melhor do que tudo isso, uma composição em pó de várias plantas: pau-d'arco, boldo, amestruz, catuaba e outras, para o combate a cólicas de fígado, de intestino e menstruais, gastrite e quedas de pressão. Para garantir os resultados dessas receitas, a experiência e a tradição de um índio de 28 anos, da tribo Kadiweu, que está desde ontem sendo uma atração no Largo do Rosário, onde armou o seu ponto de vendas desses produtos naturais, contando com o auxílio de um microfone, um amplificador e uma caixa de som.

Maxsuara Kadiweu é a própria imagem do índio brasileiro, de cultura decadente, vítima do "progresso" da civilização branca e da conivente irresponsabilidade dos órgãos federais, criados para "protegê-lo". Ele é também o próprio reflexo da crise em que estão metidas as tribos indígenas do País, que num processo de aculturação que não pediram, tentam ainda resistir, mantendo alguns resquícios de costumes e tradições milenares.

Maxsuara, da tribo Kadiweu (aproximadamente 100 famílias, divididas em grupos situados ao norte de Mato Grosso, na Chapada dos Guimarães, e ao sul, na Serra da Bodoquena) é uma figura triste e patética, no meio da Praça, sob os olhares curiosos e espantados dos populares: a pele morena, os cabelos negros e longos caindo pelas costas, o nariz achatado e os olhos esticados, traços de seu povo, contrastam com sua calça cáqui, tipo "jeans", camisa modelo da moda, aberta ao peito, a bota longa de couro refinado e curtido industrialmente, além do microfone, do amplificador e da caixa de som.

Das oito da manhã às duas da tarde, Maxsuara permanece no Rosário, com o microfone em punho, aperfeiçoando a sua técnica de convencimento da população



*Maxsuara, há 17 anos no mundo dos brancos*

### **“Em vez de ajudar, Funai só atrapalha”**

Maxsuara Kadiweu tinha 17 anos quando resolveu abandonar a sua tribo no meio da selva amazônica, a partir para o mundo do branco, conhecer a sua civilização. Hoje, onze anos depois, ele é um índio aculturado, numa luta desesperada e interior para preservar a sua identidade primitiva, apesar do amplificador, da hospedagem no Hotel Hollywood da Francisco Glicério e das constantes incursões ao Congresso Nacional (tem até uma carteirinha assinada por um Deputado Federal, dando-lhe plena liberdade para circulação nas dependências do legislativo) Maxsuara acredita no futuro do Brasil mas não no de sua gente.

— Esse é um País rico, de terra rica, mas com um povo miserável. Mas eu não dou mais que cinco anos para a minha tribo desaparecer se o Governo não tomar uma atitude para isolar de vez os índios do Brasil. A Funai devia acabar, porque não ajuda o índio, atrapalha muito.

Antes ainda de chegar ao mundo fantástico do branco, São Paulo, Rio, Brasília, Maxsuara foi contratado por um fazendeiro “com autorização da Funai”, como domador de animais. Patrocinado pelo Ministério do Interior, iniciou um curso de “Estudos Linguísticos”, na Capital Federal, mas hoje vive rodando o Brasil, vendendo os seus produtos: “Só compra quem quer. Quem acredita no índio. Eu não engano ninguém”. Maxsuara garante que trabalha sozinho, sem nenhuma ajuda. Isso apesar de um senhor branco, de idade mediana, que passou um bom tempo à frente da roda de pessoas na praça ter dito que está no Hotel com ele.

para as qualidades dos produtos naturais. Enquanto fala, coloca algumas colheres de pó de uma composição de ervas num copo, com água, mexe e distribui às pessoas interessadas em ver curados os seus problemas de saúde, desde uma simples queda de pressão às temidas cólicas de fígado, segundo explica.

— Como eu tenho certeza que essas ervas curam? O índio não pode negar os co-

nhecimentos dos médicos brancos, que ficam 25 a 30 anos estudando medicina. Mas o índio também não pode deixar de acreditar e conhecer a tradição de seu povo, que aprendeu a viver com a natureza. O índio aceita que o branco que não conhece o valor das plantas, tome antibiótico e injeção, mas ele que conhece o poder da natureza, prefere acreditar nas plantas.